

NARRATIVA JUVENIL E IDENTIDADE: O RAPAZ QUE NÃO ERA DE LIVERPOOL, DE CAIO RITER

Camila de Souza Fernandes

Introdução

A juventude é uma fase da vida repleta de mudanças, descobertas, conflitos e questionamentos acerca da vida e de como o indivíduo se encontra no mundo. Concordamos com Erikson (1976) quando esclarece que a identidade é um processo de ajuste do mundo interior da pessoa e daquilo que lhe é externo, ou seja, o social, permitindo-lhe localizar-se no espaço em que está inserida. Isso quer dizer que os fatores políticos, culturais, dentre tantos outros, influenciam sobremaneira o desenvolvimento psicológico, tendo em vista que a identidade é formada a partir de três pontos: um “eu” ativo, o meio ambiente externo a esse “eu” e um mecanismo que permite o ajuste do “eu” com o externo.

Se a identidade de uma pessoa não está ligada exclusivamente ao seu interior, então, ela engloba o social e o cultural:

Revela-se-nos, pois, que a identidade de uma pessoa ou grupo pode ser relativa à de outras pessoas ou grupos e que o orgulho de conquistar uma forte identidade pode significar uma emancipação interior da identidade de um grupo mais dominante, como o da “maioria compacta”. (ERIKSON, 1976, p. 20)

A identidade está intimamente ligada àquilo que o indivíduo pensa sobre ele e àquilo que ele acha que os outros pensam sobre ele. Esse é um processo, na maioria das vezes, inconsciente. Ainda segundo Erikson (1976), as mudanças sociais profundas são grandes influenciadoras da modificação da identidade humana.

Nesse contexto, a literatura pode se apresentar como elemento fundamental durante um processo de grandes mudanças, pois jovens leitores podem, a partir da leitura, desvelar o sentido da realidade que os cerca. Os textos literários, dessa forma,

proporcionam o contato com as grandes tensões do pensamento humano, como afirma Candido (1972). Assim, a literatura se coloca como força humanizadora, atuando na formação do homem. A ficção, então, é um elemento indispensável para a satisfação de suas necessidades básicas.

Levando em conta tais aspectos, esse artigo tem por foco *O rapaz que não era de Liverpool*, de Caio Riter, autor que vem obtendo destaque no contexto editorial do Brasil em razão da qualidade de seus textos. O livro em questão aborda a relação familiar, separação dos pais, adoção, amor e amadurecimento; narra a história de um jovem que vê suas “verdades” ruírem quando descobre que foi adotado. São questões que, trazendo para o livro dificuldades conhecidas, tratadas de forma sensível, falam de perto aos adolescentes. Assim, com a leitura da obra pretendemos examinar a construção da narrativa, levantando os temas abordados e os possíveis resultados estéticos proporcionados aos leitores, notadamente, a partir do estudo de elementos como narrador e ponto de vista, personagens, ambientação e linguagem.

1. *O rapaz que não era de Liverpool*: por uma análise

Caio Riter, autor do texto, nasceu em Porto Alegre, em dezembro de 1962. É Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e licenciado em Letras; é Mestre e Doutor em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor de Língua Portuguesa no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre. Ministra oficinas literárias de narrativa no SINTRAJUFE-RS, desde 1999. Tem 26 livros publicados, além de participações em antologias. Recebeu diversos prêmios literários. *O rapaz que não era de Liverpool* ganhou Prêmio Orígenes Lessa - FNLIJ – 2007, Altamente recomendável - FNLIJ – 2007, White Ravens - Alemanha – 2007, Catálogo de Bolonha - Itália - FNLIJ – 2007, finalista do Prêmio AGES-Livro do Ano-2007, Prêmio Açorianos de Literatura – 2006 e 1º Prêmio Barco a Vapor - Edições SM – 2005.

O livro que deu origem a esse trabalho narra a história de Marcelo, um jovem de quinze anos que descobre durante a aula de biologia não ser filho de seus pais. Além dessa revelação, a vida do jovem também é abalada pela separação dos pais, sua vida sofre uma grande reviravolta. Tantas novidades geram no rapaz um sentimento de desajuste no mundo, começam, então, seus questionamentos a respeito das “verdades” que até pouco tempo lhe traziam tanta segurança. Agora Marcelo precisa enfrentar esse momento difícil e redescobrir sua identidade. Para tanto, conta com o apoio da namorada DJ, o respeito a sua dor e carinho dos pais (Inês e Pedro Paulo) e seu irmão (Ramiro). Não deixando de lado a irmã, Maria, que mesmo não concordando com a postura de Marcelo o ama.

A leitura do livro remete considerações a fatos muito presentes na vida de adolescentes, pais e até professores, que precisam lidar com uma nova realidade de estrutura familiar e com outros eventos que estão intimamente ligados a formação da identidade dos jovens.

Ao tratar de temas tão delicados como amor, adoção, família, separação de pais; Caio Riter o faz de forma sensível, respeitando possíveis sentimentos e emoções que venham gerar em seus leitores, visto que dá ao seu personagem central o tempo necessário para refletir e um grande espaço para expor suas angústias.

O texto narrado em primeira pessoa, pelo protagonista, transmite com maior intensidade esse processo de redescoberta de si mesmo, permitindo que o leitor tenha a sensação de estar em contato direto com o Marcelo, já que é dele a maior parte do ponto de vista da história:

Passo os olhos pelo quarto: as paredes na cor que escolhi, as miniaturas de automóveis acumuladas nesses quinze anos de vida de mentira, meus livros, meus CDs, os quatro garotos de Liverpool, que no quadro feito por mim viraram cinco. Tudo e nada.
Sou nada. (RITER, 2005, p. 11)

Essa busca por compreensão de sua história de vida e o conflito interno pelo qual Marcelo passa, podem ser vistos já nas primeiras páginas do livro, pois ao mesmo

tempo em que está profundamente magoado com tudo o que lhe vem acontecendo, o rapaz não deixa de nutrir pela mãe o sentimento de amor e reconhecimento da dor alheia, o que dá um caráter maior de humanidade ao personagem:

Não abro. Você mentiu. Me enganou. Não sou seu filho.(...)
Dói saber que ela está ali, que ela está sofrendo. Sento na cama. Eu sofro também. Não posso abrir, não quero, não agora. Ela insiste. Bate. Chama de meu filho. (RITER, 2005, p.11)

Porém, essa perspectiva de Marcelo sobre os fatos é logo quebrada quando os diálogos são travados com a irmã, Maria. Há o confronto de pontos de vista, a menina tenta mostrar ao irmão que as coisas podem ser vistas sob outro ângulo e que sua adoção talvez não seja algo totalmente ruim:

(...) os meus olhos se enchem de lágrimas. Os deles também. Só o de Maria me fita, firme, um certo lampejo de indignação, oi de raiva, sei lá, no olhar.
- Não diga besteira, Marcelo – diz ela.
- Maria! Pedro Paulo repreende.
- Olha aqui, Marcelo, vou dizer uma coisa: você tem que agradecer todos os dias o fato de terem adotado você. Você podia estar numa pior, cara. (RITER, 2005, pg. 44)

Já a namorada aparece na narrativa como porto seguro para o jovem, alguém para quem ele pode chorar, mostrar seus sentimentos de maneira mais aberta, o consolo para seus problemas:

- Não chore.
A voz rouca pede. Pede mas não consegue fazer. Chora ela também, lá longe, num bairro bem distante do meu. Chora, minha linda. Choramos juntos, por muito tempo. Longo tempo. (RITER, 2005, p. 25)

Dessa forma, o confronto de ideias com a irmã, o conforto por parte da namorada e o respeito por parte dos pais não permitem que a narrativa tenha um ponto de vista unilateral, mas oportuniza a fala de todos aqueles que estão envolvidos no assunto, o que dá seriedade ao tema abordado tratando com dignidade o leitor, já que evita a voz

autoritária e permite maior espaço para interpretação do público por meio de outras perspectivas.

A organização da narrativa também se vale de recursos que chamam a atenção do jovem leitor e até colaboram no momento da leitura. Logo na primeira página há uma explicação, em nota de rodapé, de como são dados os títulos dos capítulos: “versos das canções dos Beatles, títulos das canções ou título dos CDs”; facilitando a compreensão das partes do livro.

Todos os capítulos, assim, são iniciados por versos em inglês e que estão intimamente ligados ao conteúdo / sentimento do personagem principal. A exemplo disso o primeiro “Just look into my eyes...” (Apenas olho nos meus olhos), trata-se do capítulo em que os pais contam para Marcelo a verdade sobre sua adoção: “- Não Marcelo, você não nasceu de mim”. (RITER, 2005, p. 09)

Essa relação estabelecida com as músicas dos Beatles, paixão do adolescente, oferece abertura para a intertextualidade. Tal jogo também é dado por meio de diversas citações de trechos de livros (Os Lusíadas: Quem sabe não embarcar nele e permitir que me leve por “mares nunca dantes navegados?”) ou por fazer alusão a outras obras “Dom Quixote” (pg 28), “Sherlock Holmes”, “Maigret – personagem do Georges Simenon” (pg 126), “Robinson Crusoé” (pg 53), “Affonso Romano de Sant’ Anna” (pg 21), a personagem “Ana Terra” de Érico Veríssimo (pg. 66) e tantas outras. Todas essas referências abrem margem para futuras leituras, instigam o leitor a buscar novos horizontes.

Outro recurso narrativo interessante é o uso do flashback. A narrativa no presente é interrompida por cenas da memória de Marcelo que recupera fatos já acontecidos e dá uma visão mais ampla dos eventos para o leitor. Constitui a oportunidade de o público participar do texto fazendo movimentos entre o presente e o passado. Exige um leitor que seja capaz de acompanhar esses saltos no tempo e no espaço já que ele não é avisado quando um flashback termina ou começa.

Essas idas e vindas frequentes da narrativa também podem ser simbólicas e representar a própria confusão sentimental e de identidade por qual passa o narrador-protagonista, já que suas lembranças que estão sendo relatadas.

Podemos notar parte desse caos sentimental quando após um longo flashback, relembrando o período em que esteve doente com catapora, Marcelo é traído pelo carinho:

O dia passou, sei que Inês ligou para saber como eu estava, se tinha chegado bem. Sei que, certamente, ela se deu conta de que o que a dinda tinha dito era uma desculpa qualquer, perdida por mim, que não estava disposto a falar com ela. (...) Minha mãe, quer dizer, Inês, soube da mentira, tanto que não pediu que eu lhe ligasse ao voltar. Sabia. E respeitava. (RITER, 2005, p. 103)

Essa desordem e rigidez de Marcelo também podem afetar o tipo de linguagem do livro, com pontuação seca e frases geralmente mais curtas. Ao mesmo tempo, esse tipo de construção sintática, o uso de diálogos e expressões ligadas a faixa etária a quem o livro é destinado tornam a leitura mais dinâmica: “Xeguei. Vc demora?” (pg 71), “To pertu. Naum fog. T amu” (pg 71), a abreviação de nomes “Dj”, “Celo” ou ainda em “Se desarma, sora.” (pg. 58).

Dessa maneira, a temática apresentada pelo livro, a linguagem empregada, o conflito dos personagens, tudo somado, pode conduzir o cumprimento da função catártica (JAUSS, 1979), experiência comunicativa da arte, que por muito tempo foi concebida como algo utilitários, e que hoje é concebida também como fruição:

[...] a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (aisthesis) e um reconhecimento perceptivo (anamnesis): o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (katharsis). (JAUSS, 1979, p. 65)

Assim, a recepção literária está pautada no diálogo entre o texto e o leitor, na troca, em trazer sua bagagem de mundo, suas vivências e as compartilhar com o material que está sendo lido. Afinal, a qualidade da leitura da obra literária não reside apenas em descrever qual o tipo de rima de um poema, em que período literário se encaixa e quais

características desse período ela pode apresentar, mas envolve também os efeitos que a sua recepção suscita.

O livro de Caio Riter provoca essa troca entre público e texto, o preenchimento de lacunas, principalmente quando se trata dos temas polêmicos como a adoção, separação de pais e o conflito em casa. São temas atuais e carregados de força ideológica. No primeiro capítulo o leitor é colocado diante de tais situações, os filhos recebendo a notícia da separação, dialogando com os pais a respeito disso:

– Olha – era eu de novo, na obrigação de falar, afinal era o filho mais velho.
– Não sei direito o que vocês esperam da gente. Compreensão? Aprovação?
A gente nunca percebeu nada de errado. Vocês perceberam? – A pergunta era para meus irmãos, que me olharam e nada responderam. Minha mãe buscou refúgio nos olhos do meu pai. Ele permaneceu com os dele fixos em mim. Prossegui. – Vocês, como o pai bem disse no início desta conversa, já decidiram. Portanto, este encontro é só para comunicar. O que eu, a Maria ou o Ramiro pensamos desta separação não fará a mínima diferença (RITER, 2005, p. 15 - 16).

Além de despertar a reflexão, o livro também convida o leitor a participar do mundo da simbologia. A paixão de Marcelo pelos Beatles está intimamente ligada ao laço familiar, já que nasceu de um presente dado por seu pai e que antes havia sido de seu avô. Uma espécie de herança, passada de geração em geração.

Assim, a célebre foto dos Beatles na faixa de pedestre ganha uma nova roupagem quando Marcelo coloca os rostos de seus familiares (Pedro Paulo, Inês, Marcelo, Maria e Ramiro) e se torna uma foto com cinco pessoas. No entanto, com a descoberta da adoção ele retira sua foto e logo a imagem fica como a do grupo inglês original, quatro pessoas:

Pego a pequena tesoura e amputo um dos Paul McCartney da foto. Retiro aquele que no passado foi colocado ali de forma falsa. Aquele que estampa minha expressão feliz. O estranho. O estrangeiro. O rapaz que não era de Liverpool” (RITER, 2005, p. 35).

E agora o caminhar pela faixa de pedestre, um ato de segurança, já não é mais confiável para Marcelo, afinal de contas ele “não é” mais um membro daquela família,

não faz parte do grupo original e traça a seguinte comparação: “toda banda terá sua Yoko” (pg 30). Esses elementos ao serem retomados e compreendidos que fazem os leitores perceberem a origem do título do livro: *O rapaz que não era de Liverpool*.

O percurso de Marcelo pela busca de suas respostas e pelo encontro consigo mesmo não se encerra facilmente. A superação desse momento de crise só se dá na solidão parcial, na reflexão acerca de sua própria vida, nas palavras sábias da tia que o acolhe, no retornar para dentro de si mesmo. E o garoto sai dessa fase mais forte, já que:

Não me importa mais que eles tenham olhos azuis. Nem que a namorada do meu pai fique sem ele mais um fim de semana. Ou que as ervilhas amarelas só produzam ervilhas amarelas.
Mendel que se exploda com suas leis.
Somos cinco. (RITER, 2005, pg. 127)

O jovem em crise reconhece seu lugar junto à família e percebe que ter o mesmo sangue não significa muita coisa quando a família é unida pelo sentimento do respeito, apoio e amor.

Conclusão

Tendo em vista alguns elementos relativos à leitura de *O rapaz que não era de Liverpool* podemos afirmar que o livro oferece contribuições fundamentais na formação de jovens leitores, já que traz elementos que dialogam com seu público e o faz refletir. Candido (1995) concebe a literatura como um bem inegável, cujo caráter humanizador satisfaz a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando o sujeito a tomar posição face aos acontecimentos da vida. Nessa perspectiva, a temática abordada no livro, os elementos simbólicos, a linguagem, dentre outros, fazem com que a narrativa tenha uma alta qualidade estética.

Tudo isso leva ao desenvolvimento da parcela de humanidade, uma vez que abre caminhos e pretende colocar o sujeito como cidadão no mundo em que está inserido.

Isso sem negar que os efeitos do texto literário podem atuar tanto para o bem quanto para o mal, reforçando ou destruindo crenças, uma vez que ensina como a vida.

Além disso, se a formação da identidade está ligada tanto a fatores internos quanto a fatores externos, como apontados por Erikson 1976, podemos afirmar que a literatura proporciona um desses momentos de encontro com a reflexão sobre assuntos difíceis e que na adolescência parecem ter um caráter maior devido a essa fase de transição nem sempre fácil entre juventude e vida adulta.

Com isso não pretendemos uma discussão que se encerre aqui, mas que seja apenas mais uma contribuição no trabalho com o texto infanto juvenil, o qual durante tanto tempo esteve ligado a objetivos pedagógicos, mas que hoje parece ter ultrapassado essas barreiras e se tornado uma literatura questionadora, realista e com qualidade estética.

Referências

CANDIDO. A. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*. São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972, p. 803-809.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.

RITER, Caio. *O rapaz que não era de Liverpool*. São Paulo: Edições SM, 2005. (Coleção Barco a vapor).



1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários
4º CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 – **ANAIS** - ISSN 2177-6350
